

Brasil deve pagar US\$ 4 bilhões este ano

Rio — É de no mínimo quatro bilhões de dólares o desembolso que o Brasil terá que realizar, este ano, para os organismos internacionais. Deste total, 1,2 bilhão de dólares serão transferências líquidas de capital para o Banco Mundial (Bid); 200 milhões de dólares ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid); 950 milhões de dólares ao Fundo Monetário Internacional (FMI); e 3,3 bilhões de dólares a agências governamentais. A informação foi dada pelo embaixador Jório Dauster, principal negociador da dívida externa brasileira.

Dauster, que participou do seminário "A Economia Mundial após a Guerra Fria", promovido pelo comitê de cooperação empresarial do Centro de Economia Mundial, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), não quis dar maiores detalhes sobre o cronograma de negociações da dívida externa brasileira. Disse apenas que está esperançoso de que as

primeiras rodadas ocorram ainda este ano, já que os banqueiros internacionais estão dispostos a discutir a redução do perfil da dívida.

"Quem sabe, as negociações com o Brasil ocorrerão num prazo inferior às negociações mexicanas, que duraram um ano, e superior às da Venezuela, que levaram oito meses?" comentou Dauster.

Para isso, o Governo está estudando um longo cardápio de opções, que inclui a conversão de parte da dívida externa, condicionada ao ingresso de capital de risco no País.

JAPONESES

Para os investidores japonês, o Brasil deixou de ser um País tão interessante, na América Latina, como são hoje a Venezuela e o Chile. Os japoneses estão esperando a consolidação do Plano Collor e seu sucesso para voltar a

incluir o País na lista de suas prioridades. A notícia foi dada pelo diretor da América Latina e Caribe do International Finance Corporation (IFC) — braço financeiro do Banco Mundial para o setor privado —, Mitchell Alland, aos cerca de 350 empresários que estavam presentes ao seminário.

Acostumado a realizar inversões anuais de capital para o Brasil, ao redor de 150 a 200 milhões de dólares Alland lembrou que, do volume total de investimentos japoneses já realizados no País, 80 por cento foram de empréstimos e o restante de investimentos diretos. Comentou que os investidores japoneses têm um interesse particular nos segmentos de petroquímica, papel e celulose do Brasil e, também, nos setores automobilístico e de telecomunicações, seja para instalar novas fábricas ou, então, para promover associações com empresas nacionais.